



## INTERSEÇÕES DE ESTRUTURAS DE PENSAMENTO E A CORRELAÇÃO COM A QUESTÃO DE ALTERIDADE EM EMMANUEL LÈVINAS

### *THOUGHT STRUCTURES INTERSECTIONS AND THE CORRELATION WITH THE ALTERITY QUESTION IN EMMANUEL LÈVINAS*

Elcio Joél Pastorio\*

#### RESUMO

A pesquisa aborda uma correlação entre o Tópico das Interseções de EPs na Filosofia Clínica e a questão da alteridade em Emmanuel Lèvinas. Ao realizar uma conversação entre o Tópico 28 e a Alteridade, por meio de análise bibliográfica, fenomenológica e descritiva, desvelam-se aproximações e desencontros entre os dois pensadores. Interseções de Estrutura de Pensamento se referem às relações que o partilhante tem com outras pessoas e coisas. Variadas são as possíveis qualificações das Interseções e o filósofo clínico precisa estar constantemente atento para identificar, por aproximação, o mais claramente possível como elas se dão. No processo terapêutico, a responsabilidade do filósofo clínico em relação ao partilhante encontra inspiração na responsabilidade que Lèvinas desenvolve sobre a alteridade. Na relação face-a-face (o Mesmo e o Outro), este está além daquele, o que confere um caráter de transcendentalidade à relação. Na terapia, ocorre necessariamente determinadas Interseções entre a EP do filósofo clínico e do partilhante com outros. A responsabilidade pela terapia produtora recai, em parte, ao terapeuta, que precisa se colocar numa posição ética de cuidado e escuta à singularidade do partilhante.

**Palavras-chave:** Emmanuel Lèvinas; Lúcio Packter; alteridade; Filosofia Clínica; interseções de EPs (tópico 28).

#### ABSTRACT

*The research addresses a correlation between the Topic of EP Intersections in Clinical Philosophy and the issue of alterity in Emmanuel Lèvinas. When carrying out a conversation between Topic 28 and Otherness, through bibliographic, phenomenological and descriptive analysis, similarities and disagreements between the two thinkers are revealed. Thought Structure Intersections refer to the relationships the sharer has with other people and things. The possible qualifications of the Intersections are varied and the clinical philosopher needs to be constantly attentive to identify, by approximation, as clearly as possible how they occur. In the therapeutic process, the responsibility of the clinical philosopher in relation to the sharer finds inspiration in the responsibility that Lèvinas develops regarding otherness. In the face-to-face relationship (the Same and the Other), this is beyond the other, which gives the relationship a character of transcendentality. In therapy, certain intersections necessarily occur between the EP of the clinical philosopher and that of the person sharing with others. The responsibility for productive therapy lies, in part, with the therapist, who needs to place himself in an ethical position of caring and listening to the uniqueness of the sharer.*

**Keywords:** Emmanuel Lèvinas; Lúcio Packter; otherness; Clinical Philosophy; EP intersections (topic 28).

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa, no formato artigo, descreve brevemente a construção compartilhada<sup>1</sup> da terapia filosófica, a partir do entendimento de que os

<sup>1</sup> A expressão ‘**construção compartilhada**’ não é consensual entre os filósofos clínicos no sentido de não ser conhecida ou utilizada por todos. Em alguns Centros de Formação em Filosofia Clínica não só é conhecida, como utilizada. Em outros, no entanto, tal expressão não é utilizada. Aqui significamos a expressão, em relação ao consultório, como aquilo que é desenvolvido conjuntamente entre o partilhante e o filósofo clínico. Embora filósofo clínico e partilhante, na terapia, desempenham papéis ou funções diferenciadas, ambos constroem juntos o desenvolvimento do processo terapêutico. Nesse sentido é que se utiliza essa expressão no presente trabalho.



tópicos da Estrutura de Pensamento apresentam conteúdos vazios que são preenchidos por conteúdos existenciais colhidos na historicidade do partilhante. Nessa construção, as Interseções de Estruturas de Pensamento (Tópico 28) e suas qualificações constituem aspecto fundamental e que merece a atenção constante do filósofo clínico.

O trabalho segue descrevendo e fazendo uma análise da reflexão ética da alteridade em Emmanuel Lèvinas, com a inversão paradigmática do ser, colocando o Outro na origem da relação face-a-face. Relação que adquire caráter de transcendência, uma vez que o Outro está além e à frente do Eu. O Rosto é descrito por Lèvinas (1982) como a imagem do Outro que se apresenta frágil e ao mesmo tempo forte diante do Eu. Desnudando-se e invocando à responsabilidade incondicional.

A pesquisa procura estabelecer, embora de forma bastante limitada, a correlação das Interseções de Estruturas de Pensamento da Filosofia Clínica de Lúcio Packter e a Ética da alteridade de Emmanuel Lèvinas.

Segundo esse pensador, o Outro se apresenta ao sujeito numa relação de transcendência, pois está além e antes do Eu, frágil pela nudez do rosto e imponente por sentenciar o mandamento ‘não matarás’, que invoca a responsabilidade incondicional do Eu. Na clínica filosófica o partilhante e o filósofo clínico se colocam numa relação que Lèvinas e Husserl consideram intersubjetividade e em Filosofia Clínica é denominada como Interseções de EPs. A qualidade dessas Interseções servirá de baliza ou não para um procedimento clínico produtor.

O filósofo clínico, sujeito desse peculiar modo de intersubjetividade, assume na terapia a responsabilidade ética pelo Outro. Na terapia o filósofo clínico assume a responsabilidade ética da escuta, respeito e cuidado ao Outro, que é o partilhante.

## 2 INTERSEÇÕES DE ESTRUTURAS DE PENSAMENTO

Em Filosofia Clínica, diferentemente de outras vertentes terapêuticas, a teoria não se apresenta com primazia sobre o indivíduo, mas ela se aplica ou se molda de acordo com a Estrutura de Pensamento de cada partilhante em suas especificidades. O filósofo clínico possui um conhecimento teórico e metodológico, cuja aprendizagem se deu a partir da sistematização feita por Lúcio Packter que estudou e tabulou mais de 2.500 anos de filosofia. Entretanto esse arcabouço teórico não é aplicado ou imposto como uma fórmula padronizada.



Toda a formatação metodológica da Filosofia Clínica possui formas sem conteúdo *a priori*, são formas abertas, flexíveis e moldáveis a cada caso clínico e a cada partilhante, que é subjetivamente singular. Assim, a tábua dos tópicos da Estrutura de Pensamento possui uma divisão didática em trinta Tópicos<sup>2</sup>. Tópico significa lugar, lugar em que habitam determinados conteúdos na Estrutura de Pensamento do partilhante. Tais Tópicos serão preenchidos pelos conteúdos trazidos pelo próprio partilhante ao editar sua história de vida por si mesmo, através da historicidade.

Com essa compreensão, entende-se que a clínica filosófica é, conforme expressa Miguel Ângelo Caruzo, “[...] um trabalho de **‘construção compartilhada’**. Em outras palavras, a Filosofia Clínica é uma atividade que requer um grau de *interseção* com, no mínimo, duas pessoas. Por isso, o *filósofo clínico* tem como uma de suas tarefas iniciais a qualificação da *interseção*.” (Caruzo, 2021, p. 52, grifos do autor).

Interseções de Estruturas de Pensamento é o vigésimo oitavo Tópico da Estrutura de Pensamento em Filosofia Clínica e refere-se à compreensão dos Tópicos do partilhante que se comunicam com os de outras pessoas, ou com lugares e coisas. Na definição de Will Goya, Interseções de Estruturas de Pensamento são

Um estudo dos tipos de vínculos, associações e composições existentes entre o partilhante e aquelas pessoas com as quais se relaciona existencialmente de um modo determinante. Pessoas capazes, inclusive, de redefinirem ou de reconfigurarem sua própria estrutura de pensamento. Casos em que não se pode saber exatamente qual o limite identitário entre as estruturas de pensamento, onde começariam ou terminariam os tópicos em interseção. [...]. (Goya, 2020a, p. 212).

É na Categoria Relações que se configuram as Interseções de Estrutura de Pensamento. Nos vínculos que se estabelecem existencialmente na vida do partilhante, o filósofo clínico pesquisará as Interseções e as qualificará. Esse processo merece a atenção constante, uma vez que elas são determinantes para um processo terapêutico produtor e porque, conforme afirma Marta Claus Magalhães,

<sup>2</sup> Os trinta tópicos que Lúcio Packter define para a Estrutura de Pensamento são: T1. Como o mundo parece (fenomenologicamente); T2. O que acha de si mesmo; T3. Sensorial & abstrato; T4. Emoções; T5. Pré-juízos; T6. Termos agendados no intelecto; T8. Termos unívoco e equívoco; T9. Discurso completo e incompleto; T10. Raciocínio; T11. Buscas; T12. Paixões dominantes; T13. Comportamento & função; T14. Espacialidade (inversão, recíproca de inversão, deslocamento curto e deslocamento longo); T15. Semiose; T16. Significado; T17. Armadilha conceitual; T18. Axiologia; T19. Tópico da singularidade existencial; T20. Epistemologia; T21. Expressividade; T22. Papel existencial; T23. Ação; T24. Hipótese; T25. Experimentação; T26. Princípios de verdade; T27. Análise da estrutura; T28. Interseções de estrutura de pensamento; T29. Matemática simbólica; T30. Autogenia.



[...] quando o partilhante narra em sua história de vida a sua Interseção com outra pessoa que não ela mesma, ou com o filósofo, esta será qualificada pelo filósofo a partir da representação que o partilhante faz dessa relação e não a partir do ponto de vista do clínico. Estas interseções estabelecidas pelo partilhante devem ser estudadas com cautela pelo terapeuta, pois muitas delas podem ter peso subjetivo determinante na malha intelectual da pessoa. [...]. (Magalhães, 2011, p. 60).

Segundo as filósofas clínicas Margarida Nichele Di Paulo e Mariza Zambom Niederauer (2013, p. 174), Interseções de EP refere-se a um estudo atento e profundo da Estrutura de Pensamento da pessoa, que na terapia é o partilhante, e as EPs com as quais relaciona-se de alguma forma, relação esta que pode ser direta ou indiretamente. Essas autoras afirmam que “[...] Em muitas situações, podemos observar que a Interseção com outras Estruturas pode alterar, anular, salientar, diminuir, comprimir ou até mesmo desestruturar completamente Tópicos da estrutura da pessoa.” (Paulo; Niederauer, 2013, p. 174).

As movimentações tópicas na Estrutura de Pensamento do partilhante, resultantes das relações que estabelece com Estruturas de Pensamento do filósofo clínico ou de outras pessoas, podem ser as mais diversas possíveis, a depender da qualificação das Interseções. “A interseção não é um caso isolado, ela se dá em um contexto, supõe Estruturas de Pensamento que se encontram, representações de mundo, tópicos determinantes dessas estruturas, tempo, espaço. [...]”. (Aiub, 2018, p. 61).

As possibilidades de qualificação das Interseções são múltiplas e sempre partem da representação<sup>3</sup> que o próprio partilhante faz das suas relações, daí a necessidade de cautela constante por parte do terapeuta. As formas de Interseção entre as Estruturas de Pensamento podem ser compreendidas nas mais diversas possibilidades, como

- a) Quanto à qualidade: podendo ser positiva, negativa, confusa ou indefinida;
- b) Quanto à determinação: sendo determinante para um, mas não para outro; pouco ou muito determinante para ambos; de forma oscilante; ou de difícil classificação;
- c) Como irreconhecíveis, de forma híbrida, em seus caracteres individuais, pesquisando-se a interseção do partilhante para com outra estrutura de pensamento, especificamente, ou mesmo dentro de um conjunto de estruturas de pensamento;
- d) Como estando uma estrutura de pensamento eclipsada por outras;

<sup>3</sup> Em Filosofia Clínica o terapeuta nada sabe *a priori* das vivências subjetivas do partilhante. É a partir da colheita da Historicidade, com agendamentos mínimos, da observância dos Exames Categoriais e da montagem da Estrutura de Pensamento, que o Filósofo Clínico conhecerá um pouco do partilhante, por aproximação. A partir dessa concepção basilar é que, em filosofia clínica, a ‘**representação**’ que o partilhante faz de si mesmo e de sua relação adquirem valia para além da interpretação do terapeuta. A fundamentação teórica para essa concepção encontra guarida na obra **O mundo como vontade e representação**, de Arthur Schopenhauer.



- e) Em relações de mediação, na qual uma estrutura de pensamento pode utilizar outras como pontes para estabelecerem interseções determinantes com estruturas de pensamento existencialmente distantes;
- f) Por graus de dependência, subordinação hierárquica entre estruturas de pensamento;
- g) Por vínculos estabelecidos e reafirmados por causa da ausência, entendida como falta;
- h) E outros. (Goya, 2020a, p. 212-213).

No que se refere à qualificação das Interseções, Lúcio Packter (2020, p. 14-15) esclarece que elas serão positivas quando ambas as partes se sentem subjetivamente bem; serão negativas quando há um mal-estar subjetivo para os que estão na Interseção; serão confusas quando não se consegue definir o que estão vivenciando na relação e, serão indefinidas quando oscilam constantemente entre o bem-estar e o mal-estar subjetivos.

Em se tratando de clínica, Monica Aiub (2018, p. 62) nos ensina que “[...] a qualidade da interseção pode ser um bom começo, pode ser determinante [...]”. Entretanto,

[...] As *interseções da estrutura de pensamento* requerem o reconhecimento dos *tópicos* determinantes da pessoa, isto é, da montagem da *estrutura de pensamento*. Porém, também fazem parte da etapa dos *exames categoriais*. Em outras palavras, os passos de reconhecimento são quase concomitantes na prática. A divisão é pura e fundamentalmente didática. (Caruzo, 2021, p. 120 – grifos do autor).

O *checklist* apresentado pelo professor Will Goya (2020a, p. 212-213) parece simples e de fácil compreensão. Entretanto, na letra h, o autor deixa em aberto para outras possibilidades, do que se pode concluir que as combinações vão ao infinito, são plásticas como a própria metodologia da Filosofia Clínica o é. Genisson Angelo Guimarães (2021) ratifica essa complexidade ao afirmar que

[...] as interseções entre as Estruturas de Pensamento (EP) podem se dar – enquanto fenômenos existenciais – de múltiplos modos. Algumas dessas interseções “saltam” aos olhos; outras, no entanto, subsistem de modo silencioso e sutil, imersas em um emaranhado de relações humanas complexas, multi-facetadas e embrenhadas no caráter polissêmico da linguagem. (Guimarães, 2021, p. 223, grifo do autor).

O mesmo autor, ao referir-se especificamente ao recorte clínico, sustenta que a Interseção fundamental é a que se estabelece na interrelação entre o partilhante e o filósofo clínico. Segundo Guimarães,



Caminhando para o fenômeno que se dá na clínica [...] a interseção fundamental, dentro do recorte clínico, é a interseção entre o terapeuta e o partilhante. Essa interseção, diferente das demais que “habitam” o espaço clínico, não se dá de modo ficcional ou memorialístico, mas sim como fenômeno vivo, singular e irremissível na própria *subitaneidade* do encontro, que “se dá desse modo e não de outro” e que se abre como possibilidade para a compreensão do “dizer enquanto dizer”, do partilhante, ou seja, como uma “forma vazia”. (Guimarães, 2021, p. 224, grifos do autor).

Bruno Packter (2020), irmão de Lúcio Packter, procurando explicitar diversas questões enfrentadas pelos filósofos clínicos cotidianamente em clínica, destaca que é importante considerar os “[...] movimentos existenciais dos caracteres das *Interseções de Estruturas de Pensamento*, desde como elas se formam, como elas se desenvolvem, como elas terminam ou como prosseguem indefinidamente [...]. (Packter, B., 2020, p. 128, grifo do autor). Marta Claus Magalhães, por sua vez, sustenta que

[...] as interseções se movimentam tanto quanto a clínica, ou seja, durante o processo clínico, filósofo e partilhante podem vivenciar interseções que passam de positiva a confusa, de indeterminada a negativa e de negativa a positiva. Esse oscilar de interseções também é possível entre o partilhante e as outras EP’s com as quais ele interage. Contudo, há casos em que a interseção permanece a mesma desde o início até o final da clínica. (Magalhães, 2011, p. 62).

Ainda na seara das questões cotidianas em clínica e reforçando a variedade de movimentações possíveis no que se refere às Interseções de Estruturas de Pensamento, Bruno Packter (2020, p. 129-130) comenta que algumas pessoas estabelecem Interseções condicionadas a outros Tópicos. Há igualmente pessoas cujas Interseções precisam de distanciamento físico para funcionarem, só conseguindo lidar com pessoas ou coisas distantes, por abstrações<sup>4</sup>. Também existem pessoas que estabelecem Interseções em busca de resultados rápidos<sup>5</sup>. Outras ainda que constituem Interseções em deslocamento

<sup>4</sup> Em Filosofia Clínica as ‘**abstrações**’ dizem respeito ao que está diretamente ligado aos conceitos, às ideias, às imaginações. Podem referir-se às imagens mentais que habitam o sujeito, tudo o que o habitam e que não seja sensorial. São as vivências que mais se aproximam das ideias complexas e que afastam ou distanciam as vivências mais ligadas ao corpo, aos cinco sentidos. Às vezes, pode acontecer das abstrações serem tão intensas que a pessoa fica em dúvida sobre algumas vivências. Na tábua da Estrutura de Pensamento, as abstrações são uma das partições do Tópico 3 – **Sensorial & Abstrato**. A divisão entre sensorial e abstrato, em Filosofia Clínica, é apenas por fins epistemológicos, uma vez que na vivência subjetiva sensorial e abstrato se relacionam, sendo que para algumas pessoas o sensorial predomina sobre o abstrato, para outra pode acontecer o inverso.

<sup>5</sup> Segundo Bruno Packter (2020, p. 129) o padrão de época faz com que muitas pessoas busquem uma clínica de resultados rápidos. Muitas pessoas estabelecem Interseções com o terapeuta apresentado uma determinada queixa esperando que a mesma seja solucionada rapidamente. O filósofo clínico, nesses casos, é visto como um mecânico que conserta quebras em uma máquina. Entretanto, nem sempre há concertos para certas quebras existenciais e o terapeuta precisará trabalhar com a quebra e não com o concerto.



curto<sup>6</sup>, em que o outro é coisificado, ou como se o outro polo da Interseção fosse um produto. Cada pessoa pode, pela sua singularidade, estabelecer Interseções de diferentes e variadas formas, bem como modificar a maneira e a qualidade da Interseção, dada a maleabilidade da Estrutura de Pensamento e a movimentação tópica.

As probabilidades são, portanto, as mais variadas e plásticas possíveis. Em que pese essa variedade de conversações, na clínica filosófica o respeito e a ética da escuta imperam. Ao outro, na pessoa singular do partilhante, o filósofo clínico dedica sua atenção e responsabilidade profissional.

### 3 A ALTERIDADE EM EMMANUEL LÈVINAS

O termo alteridade, em Latim, provém de *alteritas*, uma aglutinação dos radicais *alter* e *itas*, que remetem respectivamente a ‘outro’ e ‘ser’, o que literalmente se traduz em ‘ser o outro’. Segundo o Dicionário Online de Português (DICIO), alteridade é o “caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro. Que se opõe à identidade, ao que é próprio e particular; que enxerga o outro, como um ser distinto, diferente.”

Emmanuel Lèvinas, considerado um dos mais influentes pensadores do século XX<sup>7</sup>, desenvolveu uma filosofia baseada na Ética da alteridade como ponto de partida e que coloca o Mesmo e o Outro em relação face-a-face. Dessa maneira,

A alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente Outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de *entrada* na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. *Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação como Eu.* (Levinas, 2022, p. 22, grifos do autor).

O filósofo explica que o ‘ser eu’ possui a identidade como conteúdo, permanecendo idêntico mesmo nas alterações.

<sup>6</sup> Em Filosofia Clínica, ‘**deslocamento curto**’ é um dos quatro modos do Tópico 14 – **Espacialidade**, e refere-se tão somente a objetos presentes. “**Deslocamento curto**: é o exercício de imaginação que intenciona colocar-se conceitualmente no lugar de objetos físicos (não de pessoas) presentes aos sentidos corporais, num esforço da pessoa redefinir seus julgamentos existenciais sobre a realidade. Implica uma mudança de perspectiva sobre uma situação, quem sabe uma reconsideração mais ampla sobre a problemática vivenciada. É, pois, o novo entendimento que se adquire, quando o partilhante se projeta abstratamente em coisas materiais que lhe são próximas e significativas.” (Goya, 2020, p. 190, grifos no autor).

<sup>7</sup> Entre as reflexões levinasianas encontram-se análises profundas e não lineares sobre questões relevantes para se pensar a contemporaneidade. Emmanuel Lèvinas dialoga com a Ética, a Epistemologia, a Justiça, a Relação de Gênero, além de outros temas. Em suas reflexões relaciona termos, chamados de ‘**categorias levinasianas**’ (Alteridade, Infinito, Totalidade, Outro, Rosto, Mesmo), de tal forma que demonstram as fragilidades da filosofia ocidental e propõe uma nova visão ética e um novo paradigma em relação ao ser.



Assim, para que haja alteridade, o termo cuja essência é permanecer no ponto de partida na relação é a absolutidade do Outro enquanto Outro. O Outro em sua posição de entrada na relação é que fundamenta a alteridade. Esta acontece somente quando o Outro permanece absolutamente Outro.

A relação de alteridade, segundo nosso pensador é metafísica<sup>8</sup>, sem que o Outro se dissolva no Mesmo. Nas palavras expressas por Lèvinas,

[...] O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de alteridade anterior a toda iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. (Levinas, 2022, p. 25).

A anterioridade do Outro, com todo o conteúdo que o constitui e sem limitação com o Mesmo, estabelece a entrada na relação da alteridade. O professor Leopoldo e Silva, comentando a alteridade levinasiana, afirma que ao

[...] concedermos prioridade à relação com o outro, tomando-a como ponto de partida, a presença do outro assume o caráter primordial que antes se atribuía a si mesmo. Parto, então, do fato de que estou sempre em presença do outro, e isso é originário e inevitável: o outro está *sempre* diante de mim, e essa presença é tão forte que me constitui. O outro está antes do Eu. (Silva, 2012, p. 30, grifo do autor).

Com o caráter primordial que o Outro adquire na alteridade de Lèvinas, o Eu deixa de ser referência, deixa de ser parâmetro de compreensão, interpretação ou conhecimento do Outro. O Outro é por si, independente do Eu, pois antecede e está sempre diante do Eu. A relação passa a ter uma percepção transcendental<sup>9</sup>, não no sentido divino, mas no sentido em que o Outro é entendido para além de mim, para além da possibilidade de apreensão pelo Eu, ou seja, para além de qualquer tentativa de posse ou redução.

<sup>8</sup> Emmanuel Lèvinas explica que “A relação metafísica não pode ser uma representação propriamente dita, porque o Outro dissolver-se-ia no Mesmo: toda a representação se deixa essencialmente interpretar como constituição transcendental”. E segue: “O Outro com o qual o metafísico está em relação e *que reconhece como outro* não está alhures. Acontece com ele o mesmo que com as Ideias de Platão que, segundo a fórmula de Aristóteles, não estão num lugar”. Por fim destaca: “O *poder* do Eu não percorrerá a distância indicada pela alteridade do Outro. [...]”. (Lévinas, 2022, p. 25, grifos do autor)

<sup>9</sup> Consoante a Emmanuel Lèvinas, “[...]”. Se o transcendente decide entre a sensibilidade, se é abertura por excelência, se a sua visão é a visão da própria abertura do ser – ela decide sobre a visão das formas e não pode exprimir-se nem em termos de contemplação, nem em termos de prática”. E desta forma explica: “Ela é rosto; a sua revelação é palavra. A relação com outrem é a única que introduz uma dimensão da transcendência e nos conduz para uma relação totalmente diferente da experiência no sentido sensível do termo, relativa e egoísta.” (Id., 2022, p. 187)





O próprio filósofo da alteridade expressa que “[...] A alteridade de Outrem não depende de qualquer qualidade que o distinguiria de mim, porque uma dimensão dessa natureza implicaria entre nós a comunidade de gênero, que anula já a alteridade.” (Levinas, 2022, p. 188). E continua refletindo que

[...] Outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim, rompe com o mundo que nos pode ser comum e cujas virtualidades se inscrevem na nossa *natureza* e que desenvolvemos também na nossa existência. Mas a palavra procede da diferença absoluta. (Levinas, 2022, p. 188, grifo do autor).

Nesse pensamento, “[...] a **relação ética genuína ocorre quando a Alteridade é preservada sem, contudo, deixar de acolher o Outro em sua fragilidade e necessidade. É uma relação de passagem e aceitação, não de concordância, posse ou identidade, pois o ‘eu’ será sempre o Mesmo e o outro será sempre o Outro.**” (Carneiro, 2021, grifo do autor).

A fragilidade e necessidade do acolhimento ganha contorno prático no pensamento levinasiano no Rosto<sup>10</sup> do Outro. Em **Ética e Infinito**, o nosso filósofo expõe que

[...] há a própria verticalidade do rosto, a sua exposição íntegra, sem defesa. A pele do rosto é a que permanece mais nua, mais despida. A mais nua, se bem que de uma nudez decente. A mais despida também: há no rosto uma pobreza essencial; a prova disto é que se procura mascarar tal pobreza assumindo atitudes, disfarçando. O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um acto de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar. (Levinas, 1982, p. 69-70).

O Rosto do Outro se apresenta transcendentalmente frágil e pobre por sua exposição nua, desprovido de defesas. A nudez<sup>11</sup> do Rosto do Outro não maquia sua fragilidade e deixa transparecer o que é, não cabendo ao Eu julgamento algum, apenas aceitação e acolhimento, apesar da exposição como um convite à violência de qualquer natureza. Em **Totalidade e Infinito** o nosso pensador já havia referido que

<sup>10</sup> Na Secção III – **O rosto e a exterioridade** - do livro **Totalidade e Infinito**, Lèvinas mostra sua própria compreensão acerca do termo “rosto”. Na obra citada, o pensador afirma que “[...] O que chamamos rosto é precisamente a excepcional apresentação de si por si, sem paralelo com a apresentação de realidades simplesmente dadas, sempre suspeitas de algum logro, sempre possivelmente sonhadas”. E continua: “Para procurar a verdade, já mantive uma relação com um rosto que pode garantir-se a si próprio, cuja epifania também é, de algum modo, uma palavra de honra. [...]”. (Levinas, 2022, p. 197).

<sup>11</sup> Segundo de Susin (1984, p. 205), a nudez do olhar do Rosto do Outro é uma evasão e quebra com o mundo vestido e protegido por formas. “[...] é a nudez sem formas, sem ornamentos econômicos ou culturais ou conceituais, sem mediações possíveis, que constitui a extrema fragilidade e humildade do Olhar, como um nada no meu mundo [...]”. E continua: “É uma exposição extrema e sem nenhuma defesa, é por isso uma ‘retidão’, uma sinceridade e uma imediatez que guia não só a concupiscência, mas também a violência ‘diretamente sobre si’. [...]”. (Susin, 1984, p. 205, grifos do autor).



[...] a nudez do rosto não é o que se oferece a mim porque eu o desvelo – e que, por tal facto, se ofereceria a mim, aos meus poderes, aos meus olhos, às minhas percepções numa luz que lhe é exterior. O rosto voltou-se para mim – e é isso a sua própria nudez. Ele é por si próprio e não por referência a um sistema. (Lèvinas, 2022, p. 64, grifo do autor).

O Rosto, na reflexão de Lèvinas, mostra-se em sua nudez por si mesmo. Mostra-se nu porque assim o é. Não é o Eu que desvela a nudez do Rosto do Outro. É o próprio Rosto nu que se mostra aquilo que é. A expressão do Rosto apresenta-se em resistência à apreensão e recusando-se à posse, em sua infinitude.

Carlos Eduardo Santos Nascimento (2022), no primeiro capítulo da dissertação de Mestrado em Filosofia, pela Universidade Federal de Goiás, ao tecer comentários e reflexões sobre a fenomenologia de Husserl nas raízes da filosofia e do método de Lèvinas, expõe sobre a movimentação do Outro em direção ao Eu, sustentando que

[...] O que nos importa é como Levinas esforça-se para apresentar o Outro, o Rosto, tornando isso concreto, algo que está para além da minha razão, que vem de uma exterioridade. O Rosto [...] tem um sentido que vem de fora da consciência do sujeito. Algo que atinge, contudo não é seu. Quando se trata de um Rosto, esse movimento não se fecha num sentido, porque é infinito. (Nascimento, 2022, p. 27).

O movimento do Rosto do Outro em direção ao Eu transparece sua infinitude posto que não advém da consciência do Eu, mas de uma exterioridade. O sentido do Rosto do Outro, segundo Nascimento (2022, p. 29) é exterior à consciência do Eu. Mesmo que atingindo o Eu esse sentido não é meu, não é o Eu que o constitui. O sentido tem origem e se constitui na exterioridade e na infinitude do próprio Rosto do Outro, que se expõe e impõem.

Ao mesmo tempo que oferece sua nudez, expondo-se, o Rosto do Outro transcende em poder, que nos afasta do cometimento de atos violentos e nos impõe o mandamento ‘não matarás!’. Esse poder e esse imperativo nos convidam a ver Deus no Rosto do Outro. Lèvinas afirma que “[...] esse olhar é precisamente a epifania do rosto como rosto. [...]” (Levinas, 2022, p. 65). E ainda que

[...] Esse infinito, mais forte do que o assassínio, resiste-nos já no seu rosto, é o seu rosto, é a *expressão* original, é a primeira palavra: «não cometerás assassínio». O infinito paralisa o poder pela sua infinita resistência ao assassínio que, duro e intransponível, brilha no rosto de outrem, na nudez total dos seus olhos, sem defesa, na nudez da abertura absoluta do Transcendente. (Levinas, 2022, p. 193, grifos do autor).



A infinitude transcendente do Rosto do Outro, que se mostra em sua nudez, é a própria expressão imperativa que categoricamente afirma ‘não cometerás assassínio’. Essa expressão é o próprio Rosto em sua epifania<sup>12</sup>. O professor Carlos Eduardo Santos Nascimento (2022) comenta que

O Rosto não se anuncia, advém da “epifania” e possui um pedido e uma ordem. Para Levinas, portanto, na radicalidade de sua fenomenologia, o Rosto é exterioridade absoluta. A epifania do Rosto, que consiste no “tu não matarás”, é exatamente a experiência ética que abre o sentido do humano. (Nascimento, 2022, p. 101, grifos do autor).

Esse imperativo que afasta a violência em seu extremo não tem, na reflexão levinasiana, uma significação negativa e formal, mas a ideia do infinito condiciona-a de maneira positiva. O Rosto apresenta o infinito<sup>13</sup> “[...] na resistência ética que paralisa os meus poderes e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria. [...]”. (Levinas, 2022, p. 194)

Nessa concepção, Lèvinas (2022, p. 191) sustenta que “[...] o Outro, absolutamente Outro – Outrem – não limita a liberdade do Mesmo. Chamando-o à responsabilidade, implanta-a e justifica-a”. E destaca: “A relação com o outro enquanto rosto cura da alergia, é desejo, ensinamento recebido e oposição pacífica do discurso” (Lèvinas, 2022, p. 191).

Desse modo, o Rosto do Outro nos chama à responsabilidade. O Eu é responsável eticamente pelo Outro, independentemente da pretensão volitiva deste e, sem esperar

<sup>12</sup> De acordo com Susin (1984, p. 206), o vocábulo epifania remete a ideia de uma entrada no mundo a partir de uma concepção de altura. O olhar do Rosto do Outro é o pobre que olha de cima. Nas palavras do autor, “[...] na relação face-a-face eu não encontro jamais um igual, mas me volto para quem me olho desde essa dimensão paradoxalmente mais abaixo do meu mundo – na pobreza e na humildade – e mais alta do que meu mundo, epifania diante da qual meu mundo se descobre pobre. [...]”. (*Id.*, 1984, p. 206-207). O próprio Emmanuel Lèvinas reflete que “[...] A epifania do rosto suscita a possibilidade de medir o infinito da tentação do assassínio, não como uma tentação de destruição total, mas como impossibilidade – puramente ética – dessa tentação e tentativa. [...]” (Levinas, 2022, p. 193). Mais adiante, ainda em **Totalidade e Infinito**, nosso pensador complementa que “[...] A epifania do rosto como rosto abre a humanidade” (*Id.*, 2022, p. 208). Pois “O rosto na sua nudez de rosto apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro; mas essa pobreza e esse exílio que apelam para os meus poderes visam-me, não se entregam a tais poderes como dados, permanecem expressão do rosto. [...]”. (*Ibid.*, p. 208). Ainda na mesma obra o filósofo expressa que “[...] a epifania que se produz como rosto não se constitui como todos os outros seres, precisamente porque «revela» o infinito. A significação é o infinito, isto é, Outrem. O inteligível não é um conceito, mas uma inteligência. [...]” (*Ibid.*, p. 202).

<sup>13</sup> A concepção ontológica na tradição filosófica europeia sustentava o primado, a superioridade e a totalidade do Eu. Emmanuel Lèvinas inverte o paradigma ontológico e desconstrói o conceito de totalidade. Esse filósofo coloca o Outro enquanto Outrem à frente e na origem da relação. Utiliza a categoria ‘infinito’ para significar, segundo Susin (1984), ato sem fim, ato sem repouso, sem satisfação em resposta adequada. A alteridade absoluta do Outro enquanto infinito esfazela a totalidade. O próprio título da obra **Totalidade e Infinito** traz os termos que condensam a reflexão levinasiana, tecendo críticas à filosofia hegeliana de totalidade e propondo uma interface com o conceito de infinito.



correspondência, pois o Outro enquanto Outrem implanta a liberdade do Eu. Nas palavras traduzidas do nosso filósofo da alteridade “[...] A vontade é livre de assumir a responsabilidade no sentido que quiser, mas não tem a liberdade de rejeitar essa mesma responsabilidade, de ignorar o mundo palpável em que o rosto de outrem a introduziu. [...]” (Levinas, 2022, p. 215).

Percebe-se que Lèvinas entende a vontade do Eu com liberdade de transitar nos meandros da responsabilidade pelo Outro, de dispor de possibilidades diversas de responsabilizar-se sem, contudo, ter a liberdade de furtar-se à responsabilidade. A responsabilidade por Outrem é sujeição da vontade. Sustenta ainda que

[...] sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto *dele*. Precisamente na medida em que entre outrem e eu a relação não é recíproca é que eu sou sujeição a outrem; e sou “sujeito” essencialmente neste sentido. Sou eu que suporto tudo. [...]. (Levinas, 1982, p. 82, grifos do autor).

A ética da alteridade em Lèvinas apresenta tamanha imperatividade a ponto de incumbir ao Eu a responsabilidade pelo Outro com a própria vida, se necessário. Igualmente não condiciona a recíproca alguma, uma vez que na sua compreensão a possibilidade da recíproca não é assunto do Eu, mas do Outro. E, essa relação intersubjetiva sujeita o Eu ao Outro.

O professor Euclides André Mance, ao comentar a alteridade presente na obra **Outro modo que ser ou para além da essência**, de Emmanuel Lèvinas, discorre que condensar

[...] a percepção do rosto não é da ordem da intencionalidade que rumo para a adequação. Assim, ao emergir o rosto do outro em meu mundo, desde que o outro me olha, sou por ele responsável. Como vimos, somente no exercício de tal responsabilidade é estabelecida a proximidade. Perante o outro a atitude humana é dizer Eis-me aqui!. Esta disposição de fazer alguma coisa por outrem, esta **dia-conia** é anterior ao **dia-logo**. O rosto que emerge do mundo, simultaneamente nos pede e nos ordena, isto é, interpela-nos, pede-nos na condição ética de nos ordenar. Contudo, por mais que eu assumo a responsabilidade pelo outro, não se pode exigir reciprocidade, pois a responsabilidade do outro é problema dele. (Mance, 1994, p. 5, grifos do autor).

No exercício da responsabilidade se estabelece a aproximação com o Rosto do Outro. A relação face à face chama à responsabilidade e ordena ao compromisso da responsabilidade gratuita e desprovida de espera por reciprocidade. O próprio Emmanuel Lèvinas (1982, p. 80, grifos do autor), em entrevista a Philippe Nemo, testemunha que



“[...] desde que o outro me olha, sou por ele responsável, sem mesmo ter de *assumir* responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade *incumbe-me*. [...]”. Isso significa que o Eu tem responsabilidade mesmo pela responsabilidade de Outrem. E complementa que “[...] O eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros.” (LEVINAS, 1982, p. 82).

Assim como o Rosto do Outro se apresenta desprotegido, frágil e poderoso, a Ética da alteridade refletida por Lèvinas se desnuda na vivência prática da alteridade na clínica terapêutica da Filosofia Clínica sistematizada por Lúcio Packter.

#### 4 CORRELAÇÃO ENTRE AS INTERSEÇÕES DE ESTRUTURAS DE PENSAMENTO E A CATEGORIA ALTERIDADE EM LÈVINAS

Emmanuel Lèvinas desenvolveu um processo de reflexão que resultou na Ética da alteridade, invertendo o paradigma do ser. Colocou o Outro à frente, na origem da relação intersubjetiva Mesmo-Outro. Lúcio Packter ao sistematizar a Filosofia Clínica cria estratégias práticas para o exercício da alteridade. Will Goya (2010) apresenta com propriedade essa transposição da filosofia da Ética da alteridade para o exercício existencial prático ao afirmar que

Há muitos filósofos da alteridade e, como tais, elaboraram conceitos, porém não criaram estratégias práticas para o exercício cotidiano da alteridade. Há quem diga que isso não é missão da filosofia e sim das ciências, das religiões, das artes e da cultura em geral. Seja como for, Lúcio Packter aceitou essa incumbência, em benefício daqueles que não souberam fazer dos livros uma extensão natural da vida. A rigor, nenhuma objetividade científica ou filosófica é possível sem a existência do ser humano, do sujeito que elabora a cultura e constrói o conhecimento. [...] (Goya, 2010, p. 29).

Lúcio Packter ao tabular a Estrutura de Pensamento, na Filosofia Clínica, inspira-se nos filósofos e escolas filosóficas sem, contudo, fixar-se neles e conduz os terapeutas ao exercício prático da alteridade ao deixar os Tópicos vazios de conteúdo e passíveis de infinitas conversações. Entre os Tópicos que merecem atenção na relação terapeuta e partilhante está o vigésimo oitavo, que trata das Interseções de Estruturas de Pensamento.

A qualidade das conversações entre diferentes Estruturas de Pensamento merece, a todo momento, atenção especial do terapeuta. Lèvinas coloca o Outro na origem da reflexão alteritária, como princípio e não como um fim, cuja responsabilidade de cuidar incumbe ao Eu. Na clínica filosófica, o terapeuta age



[...] orientando-se essencialmente para os cuidados com o outro, constituindo-se, primeiramente, uma prática amorosa de encontro para só depois investigar a validade das teorias acadêmicas a que se reporta. [...] o exercício da atividade clínica por ela feito tem uma ética de alteridade, cujos pressupostos não coincidem exatamente com os modelos de alteridade conhecidos em nossa época, o que me leva a acreditar ser a ética (ou a atitude) da escuta radical a fundação básica da Filosofia Clínica. (Goya, 2010, p. 38).

O cuidado com o Outro, em Filosofia Clínica passa pela ética da escuta. O Rosto do Outro se desnuda e chama à responsabilidade do Eu, em Emmanuel Lèvinas. Em Filosofia Clínica, o partilhante se coloca à frente do terapeuta desnudando sua história de vida ao editar sua historicidade. O Eu-filósofo clínico se debruça à escuta ética e ao cuidado com o Outro-partilhante, responsabilizando-se por ele e perscrutando as relações e Interseções que se estabelecem entre as Estruturas de Pensamento a fim de, por aproximação, conhecer e cuidar do Outro.

O Outro na Ética da alteridade de Emmanuel Lèvinas escapa à minha definição. O Outro não é um outro Eu mas, absolutamente Outro.

[...] a compreensão do Outro em Lévinas exige que o Outro continue sendo sempre o Outro e não “outro eu”. O Outro como alteridade não pode ser conceituado, mas permanece concreto. O Outro permanece sempre o outro metafísico do qual o Eu necessita. O outro é o absolutamente outro – Outrem. O Outro não é absolutamente minha representação; é o caminho do infinito que, essencialmente, me escapa. (Martins, 2014, p. 6, grifo do autor).

Na alteridade de Lèvinas o Eu não conhece o Outro a partir de si mesmo e de sua referência, mas acolhe e se responsabiliza pelo Outro a partir de seu Rosto, cuja relação é transcendental, que escapa ao alcance do Eu e desafia o poder de poder. Como expressa o nosso pensador,

A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder. O rosto, ainda coisa entre as coisas, atravessa a forma que entretanto a delimita. O que quer dizer concretamente: o rosto fala-me e convida-me assim a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, quer seja fruição quer seja conhecimento. (Levinas, 2022, p. 192).

Semelhantemente, em Filosofia Clínica, o Outro dá-se a conhecer, por aproximação, através de sua historicidade. O Outro, que é o partilhante, não é um outro Eu. Na concepção da Filosofia Clínica o Outro é Outrem na sua singularidade. O próprio sistematizador da Filosofia Clínica, o professor Lúcio Packter, tem sua historicidade calcada na alteridade. Carlos Eduardo Santos Nascimento (2020), explicita essa acepção



ao escrever que “[...] Lúcio contrasta com uma cultura que supervalorizou o ‘eu’, plasmando sua existência na alteridade. O ‘eu’ pessoal de Lúcio é um plural rico e vasto de uma multidão de ‘nós’ (p. 189, grifos do autor). E manifesta também que “[...] Pelo caminho ético da ‘outridade’, o filósofo clínico se percebe na tarefa inicial de deixar que o outro seja e cuidar desse ser tal qual ele é, com suas visões, com seus *Submodos* e ao seu tempo. [...]” (Nascimento, 2020, p. 198, grifo do autor).

O partilhante é Outro, único na sua singularidade. O conhecimento que o Eu-filósofo clínico tem do Outro-partilhante é sempre *a posteriori*, após a colheita da Historicidade contada por ele próprio. Esse conhecimento é sempre limitado e por aproximação, uma vez que a estrutura de pensamento é maleável e dinâmica.

[...] o filósofo clínico deve ter como princípio que não só não sabe quem é o outro, mas que embora tenha posse de grande conhecimento, ele nada sabe. A Filosofia Clínica se estabelece não como um ato de ignorância, mas como sabedoria da mesma. O filósofo clínico sabe o quanto não sabe e o quanto há um infinito entre ele e o partilhante. Esse saber que não sabe implica em um grande conhecimento para desconstruir o nosso julgamento projetivo, pessoal ou cultural sobre o outro. O olhar ao outro se dá com uma escuta atenta e cuidadosa que vai além das palavras exigindo uma habilidade epistêmica que o leva a saber se aproximar. O filósofo clínico procura assegurar nesse esforço de aproximação garantir o menor agendamento possível de sua presença diante do outro. Portanto toda a metodologia existe para ter conhecimento suficiente para não julgar o outro num movimento dialético entre a ética e a subjetividade, a linguagem e a singularidade. (Prizo, 2021, p. 19).

O infinito entre a Estrutura de Pensamento do filósofo clínico e a do partilhante, que Prizo menciona, cria na clínica filosófica uma relação transcendental, que responsabiliza o filósofo clínico a fazer uma suspensão de seus juízos e de si porque não conhece o Outro. Para o desenvolvimento da terapia na concepção de uma construção compartilhada é importante que se estabeleçam relações e princípios de verdade entre terapeuta e partilhante. A qualidade das Interseções ditará, em grande parte, o quão salutar será a relação e os procedimentos clínicos.

[...] Na alteridade ética da Filosofia Clínica, a consciência dos limites de “si mesmo” apenas se realiza, se descobre e se desenvolve no encontro com o próximo e com o mundo circunvizinho. É um “eu relacional”, por definição. Definir-se é posicionar-se, é responsabilizar-se em relação a. Na condição humana, assim como a escuta supõe uma fala, cada perfeita individualidade só é de fato compreendida e respeitada diante de outra. Em outro termo, equivale a dizer que uma “individualidade” é uma “singularidade co-individual”. A perfeição individual é, no mínimo, dupla. (Goya, 2010, p. 162-163).



Enquanto relação, que se firma na Interseção entre a Estrutura de Pensamento do filósofo clínico e a do partilhante, em clínica, a Ética da alteridade se concretiza. A relação de escuta radical à singularidade da experiência existencial do partilhante impõe cuidados e responsabilidade para com o Outro, que é o partilhante.

Ainda segundo Will Goya,

[...] o paradigma da filosofia moderna do sujeito e da consciência, cujo enfoque é a primazia do eu, é transferido para a categoria da “relação”, como uma dimensão necessária ao entendimento da realidade humana. De tal forma que o conhecimento do outro não mais se dê sem a viva participação do terapeuta, coexistindo. Junto aos tratos de carinho e cuidados, é a alteridade que permite estabelecer e demarcar os contornos de algum universo teórico, de um saber que se diferencia e se relaciona. [...]. (Goya, 2010, p. 179).

A inversão de paradigmas coloca o Eu e o filósofo clínico na mesma condição de respeito, responsabilidade e aprendizagem ante o Outro e o partilhante, respectivamente, uma vez que a terapia em Filosofia Clínica é uma construção compartilhada e “[...] o desejo de convencer não pode ser maior que a ambição humilde por aprender cada vez mais com o outro, qualquer outro”. Com o seguinte vislumbre de profundidade existencial: “Do analfabeto aos doutores em filosofia, somos todos profundos: milagres vivos em cada um.” (Goya, 2010, p. 141).

Na Interseção de Estruturas de Pensamento entre o filósofo clínico e o partilhante, aquele se posiciona na escuta ética e na responsabilidade, enquanto o Outro desnuda sua historicidade e participa com coo-responsabilidade na construção compartilhada da terapia.

## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO

O presente trabalho se trata de um artigo de revisão, cuja investigação desenvolvida é de caráter qualitativo, na qual se utilizou a análise de dados historiográficos e teóricos coletados a partir de Revisão de Literatura com base em bibliografias previamente estudadas, fichadas, resumidas e resenhadas como atividades práticas das aulas de Metodologia da Pesquisa Científica no Curso de Mestrando Livre Institucional e Internacional, em Filosofia Clínica, do Instituto Sendkto de Ensino Superior e demais obras relacionadas ao objeto de pesquisa.





Como fundamento do método procedimental bibliográfico no trato do *corpus* da pesquisa analisado, ou seja, o conjunto de textos em meio físico e digital, foram utilizados os métodos descritivo, fenomenológico e filosófico-clínico packteriano de abordagem.

A pesquisa, no âmbito dos recortes epistemológico e metodológico possíveis realizados, apresentou o Tópico 28 da tábua da Estrutura de Pensamento da Filosofia Clínica. O Tópico Interseções de Estruturas de Pensamento refere-se à compreensão dos Tópicos do partilhante que se comunicam com os Tópicos de outras pessoas, ou com lugares e coisas, são “um estudo dos tipos de vínculos, associações e composições existentes entre o partilhante e aquelas pessoas com as quais se relaciona existencialmente [...]”. (Goya, 2020, p. 212).

É na conversação com a Categoria ‘Relações’ que se fundam as Interseções de Estruturas de Pensamento e a qualidade das mesmas são as mais variadas possíveis e delas dependem, em grande parte, os resultados producentes da terapia em Filosofia Clínica.

O cuidado com o Outro tem parte da fundamentação filosófica na Ética da alteridade de Lèvinas que clama pela responsabilidade do Eu, sem a espera de reciprocidade. Na terapia filosófica a responsabilidade se caracteriza pela suspensão de juízos *a priori* por parte do terapeuta, que se posiciona na escuta ética da historicidade do partilhante editada por ele mesmo. O cuidado do filósofo clínica na identificação das Interseções de EPs e suas qualificações fazem parte da responsabilidade pelo partilhante e a boa condução dos procedimentos clínicos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou e descreveu, nos limites cabíveis, a especificidade da Filosofia Clínica e o formato aberto dos Tópicos da Estrutura de Pensamento, especificamente no vigésimo oitavo Tópico que trata das Interseções de Estruturas de Pensamento, analisando-as e apresentando algumas das possíveis qualificações das mesmas.

Delineou-se uma análise breve do pensamento Ético da alteridade de Emmanuel Lèvinas, a inversão de paradigma que esse pensamento representa, bem como a relação face-a-face, em que o Outro desnuda sua essência através da manifestação do Rosto. O Rosto do Outro que se apresenta frágil e, ao mesmo tempo, remete o sujeito à responsabilidade ética, sem esperar por reciprocidade.



Em Filosofia Clínica, especificamente, no que tange às Interseções de Estruturas de Pensamento, o Outro-partilhante se coloca diante do terapeuta-filósofo clínico, desnudando seu Rosto, editando sua história de vida na historicidade.

O Eu-filósofo clínico, por sua vez, na Interseção de EP com o partilhante, coloca-se em suspensão de juízos, uma vez que do Outro nada sabe *a priori*. Essa suspensão impõe responsabilidade ética da escuta, da atenção e do cuidado na interpretação, compreensão e representação dos conteúdos colhidos na pesquisa clínica.

Assim o terapeuta buscará localizar o partilhante nas suas bases existências e mapear sua singularidade, a fim de que, por aproximação do seu infinito subjetivo, seja possível cuidar do Outro no seu tempo, com seu idioma existencial e do seu modo.

## REFERÊNCIAS

AIUB, Monica. **Filosofia Clínica e Educação: a atuação no cotidiano escolar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018, 132p.

BEZERRA, Herlon Alves. **A trajetória bioepistemográfica de Emmanuel Lévinas: pistas** pra uma prática intercultural do pensamento. R.Adm. Educacional. Recife, v.4, n.10, p. 1-202, jul/dez 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/2301/1853>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CARNEIRO. Alfredo. **Emmanuel Lévinas: Introdução à Filosofia da Alteridade**. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2014/levinas-filosofia-da-alteridade/#:~:text=O%20fil%C3%B3sofo%20lituano%2Dfranc%C3%AAs%20Emmanuel,baseada%20na%20ideia%20de%20Alteridade>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CARUZO, Miguel Angelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Petrópolis: Vozes, 2021. 205p.

CHALIER, Catherine. **Levinas: a utopia do humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. 196p.

CINTRA, Benedito E. Leite. **Pensar com Emmanuel Levinas**. São Paulo: Paulus, 2009. 188p.

CLAUS, Marta. **As Filosofias Aplicadas emergentes em fins do século XX e início do século XXI**. Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015. 48p.

COSTA, Márcio Luis. **Lévinas, uma introdução**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 239p.



CRUZ, Ricardo Souza. **Uma breve leitura sobre a ética da alteridade em Emmanuel Lévinas**. Disponível em:

<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3315/1/Uma%20breve%20leitura%20sobre%20a%20%C3%A9tica%20da%20alteridade%20em%20Emmanuel%20L%C3%A9vinas.PDF>. Acesso em: 01 mar. 2022.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/alteridade/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

DOUEK, Sybil Safdie. **Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas: um elegante desacordo**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 343p.

GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica = Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy** / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422p.

GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020a. 268p.

GOYA, Will. Onde está Lúcio Packter?. *In*: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020b. 241p.

GRZIBOWSKI, Silvestre. **Transcendência e ética**. Um estudo a partir de Emmanuel Levinas. São Leopoldo. Oikos, 2021. 112p.

GUIMARÃES, Genisson Angelo. Tópico 28 – Interseções de Estruturas de Pensamento. *In*: FERNANDES, Cláudio; GUIMARÃES, Genisson A.; SILVA, Márcio José; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.). **Tópicos**. Recanto da Filosofia Clínica: São Paulo, 2021. 277p.

HUTCHENS, B. C. **Compreender Lévinas**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007. 238p.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Tradução de Marcelo Fabri, Marcelo Luiz Pelizzoli, Evaldo Antônio Kuiava. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 231p.

LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 290p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982. 103p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993. 109p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2022. 310p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 43p.



LIMA, José Gabriel de Oliveira, SILVA, Márcio José Andrade da. **Atitude Filosófica – Filosofia Clínica e Contemporaneidade**. Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015. 48p.

MAGALHÃES, Marta Claus. **A possibilidade da Historicidade do partilhante como fundamentação teórica da prática clínica**. 2011 – Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto Packter, Porto Alegre, 2011.

MANCE, Euclides André. **Emmanuel Lévinas e a Alteridade**. Revista Filosofia 7(8): 23-30 abr 94.

MARTINS, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014. 68p.

NASCIMENTO, Cadu. Filosofia Clínica e Hospitais. *In*: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 241p.

PACKTER, Bruno. O Cotidiano do Filósofo Clínico. *In*: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 241p.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A – Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 67p.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: propedêutica**. Florianópolis: Garapuvu, 2001. 176p.

PASTORIO, Elcio Joél. **Características e fundamentações filosóficas da intersubjetividade nas Interseções de Estrutura de Pensamento (T28)**. 2024. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Clínica) – Instituto Sendtko de Ensino Superior, Chapecó/SC, 2024.

PAULO, Margarida Nichele Di; NIEDERAUER, Mariza Zambom. **Compêndio de Filosofia Clínica – Caso Nina**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013. 308p.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. 116p.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Levinas: a reconstrução da subjetividade**. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002, 248p.

PRIZO, Paula Regina Medeiros. **Filosofia Clínica: a busca pela liberdade do ser**. 2021. Monografia (Bacharelado em Filosofia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 70p.

RIBEIRO JR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005. 337p.

SEBBAH, François-David. **A ética do sobrevivente: Levinas, uma filosofia da derrocada**. Tradução de Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021. 110p.



SEBBAH, François-David. **Lévinas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 248p.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **O Outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 62p.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sujeito, ética e história**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999. 183p.

SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico**, uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1984. 486p.

---

\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: [pastoriofcepoche@gmail.com](mailto:pastoriofcepoche@gmail.com).